



NO RIO HERACLITIANO DO PASSADO

Ronaldo Cagiano

*E nenhum rio é como esse,
o rosto magnífico da infância,
a pátria imaginada da poesia.*

Zetho Cunha Gonçalves

Em *Vento, cavalo do tempo* (Ed. Água Viva, SP, 2019), sua mais recente safra poética, Wilson Pereira cavalga no dorso da infância e no galope da memória para construir uma obra primorosa formal e tematicamente.

Nesse caleidoscópio poético está presente não apenas o espírito estético de um autor sofisticado em sua oficina criativa (linguagem e lirismo elevados à sua máxima carga sensorial), mas também o apelo, sem exacerbação sentimental, de um tempo psicológico e de um território geográfico e afetivo que têm raízes naquele sentimento que o poeta carrega e que é identidade de todo o fazer literário: “O poeta que sou/ foi o menino/ que fui/ quem o criou.

Quem acompanha a trajetória literária de Wilson Pereira – na poesia, na prosa, no infanto-juvenil – percebe uma salutar nostalgia que percorre a sua escritura. Se para Augusto Meyer “a memória da infância é uma ilha perdida”, para esse mineiro de Coromandel radicado em Patos de Minas e transcriado em Brasília, mas com um pé fincado naquela universalidade de que nos falava Tolstói (segundo o qual, cantar o próprio quintal é cantar o mundo), a instância do menino nunca se perdeu, é menos um “aislamiento” físico que um desembarque nas próprias origens. O seu passado insularizado de presentes é que rege a sua pena e com isso “A palavra que soa/ eclode no ar/ seus lumes/ ou seus gumes” para nos dizer do que é realmente essencial e profundo.

Eis um livro que deflagra um inventário existencial, pois *Vento, cavalo do tempo*, seccionado por campos semânticos que exploram

os vários cenários e olhares do autor (*Quânticos Somos*, *Teias*, *Canto das Águas*, *Voos Feridos*, *Colheita de Poemas*, *Aromas de Amores*, *O menino ao Longe* e *Poemas Diminutos*) transita por diversas instâncias – reais ou oníricas – em que referenciais e mitos que habitam o inconsciente do poeta forjam uma narrativa repleta de signos e sutilezas. Na boleia de viagens que o poeta fez pelo grande sertão existencial, as veredas se bifurcam em planos reais e imaginários, espaço em que a criação adquire a plenitude de uma intensa comunicação, muitas vezes de projeções metafísicas.

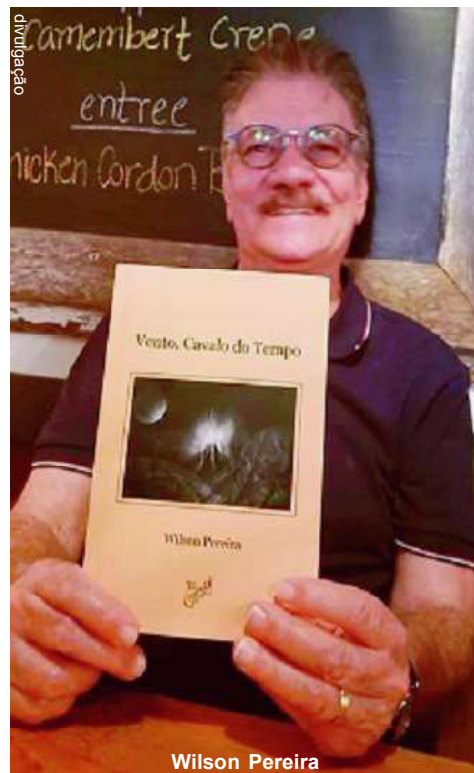
Vale destacar nessa obra o encontro de estilos, em que o autor se dá a liberdade de deambular por vertentes que se forjam simbioticamente, conferindo ao todo um resultado plástico delicado. Entre poemas mais longos e minimalistas, do verso tradicional ao *hai-kai*, da expressão mais discursiva ao discreto humor, o autor emula vários símbolos em sua linguagem nada ortodoxa, mas não se perde em jogos verbais, em contorcionismos vãos ou no poema piada, como sói acontecer com certa geração em voga, em que a poesia perde o sentido para o inútil embalhar de palavras. Wilson Pereira dosa sua liberdade de construção poética para dizer e tocar, ainda que na singeleza desta sentença: “A vida ensina/ todo dia/ uma nova lição./ só as escolas/ é que não.” É um poeta que não necessita de arroubos ou contorcionismos verbais para sondar múltiplas atmosferas, pois labora naquela dimensão de que nos falava Ernesto Sabato: “Um bom escritor comunica grandes coisas com palavras pequenas; ao contrário do mau escritor, que diz coisas insignificantes com palavras grandiosas.”

Outra característica a destacar são as referências, intercessões, encontros e vasos comunicantes que sua poesia traz, na linha da intertextualidade, da meta-

linguagem, do diálogo com outros autores, do flerte com várias obras, numa rica contaminação de processos e que, no fundo, funcionam como homenagem, como em “Imitação de Mário Quintana”; ou neste, tão emblemático: “Guimarães Rosa,/ tu me contamina/ me conta Minas.”

Não é demais repetir que na poesia wilsonpereiriana a infância é um elemento primordial, é seu cadinho, onde se processa toda uma alquimia poética; e não há de ser diferente, pois é dela que trazemos a nossa bagagem, nossa formação espiritual, afetiva, psicológica e cultural: nossos totens, temas, fantasias, obsessões estão ali a nos dirigir. Uma arte intimamente ligada às raízes, aos nossos fluxos sensoriais e à nossa plural ancestralidade, o que nos remete ao que já nos dizia com seu farol atento o itabirano Drummond e que Wilson incorpora em todo o seu arcabouço poético: “É o menino em nós/ ou fora de nós/ recolhendo o mito”.

Vento, cavalo do tempo é também, como título, a composição de um preci(o)so artefato metafórico, nada espelha mais a transitoriedade existencial, senão essa ideia de velocidade, de impenitência, de tirania do tempo. Estamos sempre subindo e desapeando da vida. No mesmo diapasão, vejo a poesia de WP como uma crônica dos sentidos, um flagrante do cotidiano e uma lanterna sobre o passado que na crônica e na ficção encontra similaridades com o lirismo de um Rubem Braga e João Anzanello Carrascoza, autores em cujo universo capturam cenários que têm muito a ver com o que é o núcleo



Wilson Pereira

da expressão poética encontrada em *Vento, cavalo do tempo*: a relação com o mundo anterior, com as tensões domésticas, com o vivido e experimentado em nossa vida interior (e interiorana).

Um livro que nos manda de volta à nossa infância alada, cavalgando no dorso arisco dos tempos, visitando os quintais e rios, os álbuns de família e os segredos do coração, as saudades e perdas que redigem nossa história pessoal e coletiva, seja em Patos de Minas ou em qualquer lugar do mundo, pois esses poemas falam do que diz respeito a uma humanidade perdida, uma imersão em nossos mundos particulares.

Ronaldo Cagiano, escritor brasileiro residente em Portugal, autor, dentre outros, de “Eles não moram mais aqui” (Ed. Patuá, SP/Ed. Gato Bravo, Lisboa), Prêmio Jabuti 2016.



Coronavírus faz Azulay virar memória

Rosani Abou Adal

O escritor, educador, desenhista, artista plástico e compositor Daniel Azulay faleceu no dia 20 de março, no Rio de Janeiro, de complicações com o Covid-19. A edição é dedicada ao amigo que deixa saudade a todas as gerações.

Nasceu em 30 de maio de 1947 no Rio de Janeiro. Estreou profissionalmente no *Jornal dos Sports*. Colaborou nas revistas *Querida*, *Garotas*, *O Cruzeiro*, *Jóia* e *Manchete*.

A *Turma do Lambe Lambe*, lançada em 1975, ficou no ar durante 15 anos na TV Bandeirantes e Educativa. Ensinou vídeos para o site UOL e apresentou *Azuela do Azulay* no Canal Futura.

Foi homenageado, em 2018, como Grande-mestre pelo Troféu HQ Mix. Mantinha o projeto social *Crescer com Arte - Desenhando com Daniel Azulay*. www.danielazulay.com.br

Artista completo: Escritor, compositor, artista plástico, apresentador de programas de TV, desenhista, ilustrador, educador e músico. Fazia mágicas e andava até de monociclo.

Trabalhei na Polyjunior, selo infantil da Polygram criado por Geraldo Lowemberg, como divulgadora, na década de 80, para fazer a divulgação do Daniel Azulay, em São Paulo, entre outros artistas.

Tive o imenso prazer de acompanhá-lo em gravações de programas de rádio e televisão para divulgação do LP *A Turma do Lambe Lambe* e também participei fazendo a personagem Chicória, juntamente com sua esposa Beth que interpretava a Damiana.

Autor de *Viagem à Jerusalém*, *Bufunfa no Mundo das Cores*, *A PORTA - THE DOOR*, entre outros livros. Tenho o privilégio de ter exemplar de *As Aventuras da Turma do Lambe Lambe* (3 volumes), autografado, fevereiro de 1984: "Em grande abraço e algodão doce do amigo Daniel Azulay."

Ele andava com uma bolsa lotada de brindes para dar às crianças e nunca negou um autógrafa.

Na minha memória, guardo essas lembranças. Deixo meu abraço e um algodão doce para você, Daniel Azulay.

Rosani Abou Adal é jornalista, poeta, publicitária, membro da Academia de Letras de Campos do Jordão e vice-presidente do Sindicato dos Escritores do Estado de São Paulo. Autora de *Manchetes em Versos*. www.poetarosani.com.br



Daniel Azulay

O MESTRE E O ALUNO

Raymundo Farias de Oliveira

O tempo passa. Mas a inefável relação esta belecida entre mestres e alunos continua existindo no mundo das lembranças de cada um.

Chega-se ao fim do curso com todas aquelas solenidades - colação de grau, ato religioso, jantar, o inesquecível baile, a valsa vienense, a emoção... (ainda é assim hoje?) - e aí acontece a diáspora.

Cada uma vai para um lado em busca de realização profissional e social. Alguns namoros chegam ao fim. Há um desfraudar de bandeiras de sonhos, esperanças e ilusões.

Sucedo que a vida vai impondo desencontros, desvios e alterações de entendimentos sobre lições ministradas com seriedade no sagrado ambiente da sala de aula.

Ex-aluno contraria o antigo mestre numa intrigante, estranha e curiosa dialética...

Vejam esse chocante exemplo que encontrei quando li, há muito tempo, "A Folha Dobrada" do saudoso mestre Goffredo Telles Júnior (Editora Nova Fronteira, pags.809/10):

"No dia 1º de abril, (1964) João Goulart, presidente da República, já não contava com nenhum apoio militar em Brasília. Voou para Porto Alegre no dia seguinte.

Ipsa Facto, Auro de Moura Andrade, presidente do Congresso Nacional, convocou Câmara e Senado para uma sessão extraordinária naquela mesma noite e declarou vago o cargo de Presidente da República. Às três horas e quarenta e cinco minutos da madrugada do dia 2 de abril, empossou na Presidência da República o deputado Raniere Mazzilli, que era Presidente da Câmara.

Estes atos de meu antigo aluno Auro eram flagrantemente inconstitucionais. João Goulart não se exonerara, não morrera e estava em território nacional. Não se verificara, pois, a vacância do cargo de Presidente da República... Ignorando Raniere Mazzilli, como se ele não existisse, três generais, no dia 9 de abril, se apossaram do Governo!

Estava instalada a ditadura no Brasil"

Raymundo Farias de Oliveira é escritor, poeta, contista, cronista, novelista e Procurador do Estado aposentado.

LINGUAGEM VIVA

Assinatura Anual: R\$ 140,00

Semestral: R\$ 70,00

Depósito em conta 19081-0

- agência 0719-6 - Banco do Brasil

Envio de comprovante, com endereço completo, para linguagemviva@linguagemviva.com.br

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal
Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.

Impresso em *A Tribuna Piracicabana* -

Rua Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavi

Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores

O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.



Anotações Sobre *O Louco e o Estado*

Dimas Macedo

O autor de *O Louco e o Estado*, Marcos Antônio Abreu, pontua que qualquer semelhança de suas personagens de ficção com a vida de algum leitor será mera coincidência. Tem consciência, portanto, de que sua criação literária é um objeto artístico e cultural, fruto de sua inteligência e de sua conexão com a realidade, mas que não se trata de uma reportagem sobre a vida de um grupo ou de uma comunidade determinada.

No Brasil, inúmeros nichos de miseráveis e desvalidos estão à margem da Sociedade e do Estado, desamparados e desassistidos, violentados em sua integridade e na fruição de seus direitos e de sua dignidade, vivendo como párias sociais que incomodam a perversão das nossas elites e dos seus aparelhos de repressão.

Marcos Antônio de Abreu é poeta, cronista, contista, romancista e cordelista, destacando-se, também, como músico e interprete de canções da MPB, dentre outros gêneros musicais. Foi fundador do projeto social *O Sorriso da Poesia* – poemas vendidos em toda a cidade de Fortaleza, com grupos fantasiados de super-heróis, e da ONG – *Fraternidade, Arte e Cultura*.

Integrante do projeto *Rodas de Poesias*, Marcos nasceu em Fortaleza (aos 15/02/1969), e o espaço dessa metrópole tem sido o palco de sua atuação como ator e escritor, declamador e agente social que busca a transformação da consciência das pessoas, especialmente, daqueles que vivem em condições abjetas.

Sua performance de poeta vai da Praça do Ferreira, onde o conheci ainda na década de 1980, até os rincões da nossa maltratada periferia, sendo de sua autoria, *Poesias de um Poeta Louco* (Fortaleza, 1995), *Nas Telas da Poesia* (Recife: Editora Passárgada, 1997) e *Retalhos Poéticos*, poemas livres e independentes, editados e distribuídos pelo autor.

É integrante das antologias *Amor, Música e Poesia*, organizada por Antônio Pompeu; *Poetas da Pra-*

ça do Ferreira, confeccionada por Márcio Catunda; e *100 Sonetos 100 Poetas*, produzida por Luciano Dídimo, destacando-se pelos arranjos poéticos que aí são veiculados.

Cordelista de grande inspiração, é autor de *A Cigarra e a Formiga* (2009), *A Revolução Humana* (2011), *A Estória de José Ribamar e o Surgimento do Boteco Jangadeiro* (2012), *A Coisificação da Sociedade na Pós-Modernidade* (2017), *Versos de Ouro* (2017), *O Rouxinol e Rosa* (2017) e *Colégio Ernesto Gurgel: Tradição e Eficiência na Arte de Educar* (2017).

Seus cordéis foram publicados de forma independente, cinco saíram com o selo da ONG – *Fraternidade, Arte e Cultura* e outros foram editados pela Cordelaria Flor da Serra, mostrando-nos o autor a sua versatilidade como poeta e como produtor de folhetos de cordel.

Fundador da Escola Bíblica Sistemática, Marcos Antônio Abreu é um humanista dos mais qualificados. Culto, conversador e erudito, ele sempre pôs o seu coração a serviço do bem, ensinando, em suas residências, àqueles que precisam, o Evangelho de Jesus.

Marcos é um cristão com traços budistas bem acentuados, e dos espíritas ele herdou o gosto pela *Fraternidade* e a partilha do pão Espiritual, atividades a que se dedica com profissão de fé e amor ao desapego, sendo, por isso mesmo, um poeta e um criador da comunhão universal.

A sua atuação faz lembrar as figuras de Airton Maranhão, Mário Gomes, Márcio Catunda, José Alcides Pinto e Guaracy Rodrigues, seres de luz e de talento que enriquecem a cultura cearense com a expressão de sua arte literária e o sopro de suas criações livres e povoadas de grande liberdade.

Identifico-me com muitos traços de sua personalidade e com os frutos da sua pregação política e ideológica, sendo ele, além de escritor, um dos nossos intelectuais mais consistentes.



Marcos Antônio Abreu

Sem Vestes

Rosani Abou Adal

Estado alfa,
pensar em nada,
comer amoras
e frutas silvestres,
jogar bolinha de gude,
brincar de amarelinha.
Pôr do sol em silêncio,
paisagem em off.
A noite não nasce,
o dia não envelhece.
O tom lilás aquece,
tudo apetece.
Devoro framboesas
para ficar sem rimas,
almejo sonhos
na escala de Dó Maior.
Sou felina a vagar
pelos telhados,
escuto gatas
e seus poemas individuais.
O final da tarde no cio.
Em uníssonos cantamos
a mesma nota,
ficamos horas em vigília
à espera do Querubim.
Anjo sem vestes
descongela a cena,
comanda o ritmo
e acolhe os sonhos.
A noite devora a quietude,
acalenta sustentidos e bemóis.
Um miado sereno
faz a noite adormecer.

Rosani Abou Adal é jornalista, poeta, publicitária, membro da Academia de Letras de Campos do Jordão e vice-presidente do Sindicato dos Escritores do Estado de São Paulo. Autora de *Manchetes em Versos*. www.poetarosani.com.br

O romance *O Louco e o Estado* (Fortaleza: Expressão Gráfica, 2019) constitui uma prova de sua intuição e do domínio da linguagem poética com a qual o autor anima o cenário social onde tecemos as relações com a vida.

Marcos tem o dom da palavra e é dotado de uma lucidez que nos espanta, e que nos aproxima da nossa unidade cosmológica. Sabe que as convenções sociais constituem uma grande mentira e que a Política e o Direito escondem uma violência e uma injustiça contra a Liberdade.

No caso de *O Louco e o Estado* estamos diante de um ficcionista maduro, carpido com o sangue das ruas e das praças, lugares onde o cotidiano das pessoas expõe o seu avesso e o espelho de suas necessidades. O sistema político e financeiro, social e religioso, e os aparelhos da Segurança e da Justiça são tratados pelo autor como instrumentos de coação e de patrulhamento.

Mais do que um romance de tese, o que vemos na ficção de Marcos Antônio Abreu é um corte de natureza filosófica aberto no coração da linguagem literária, cujos modelos pagam tributo às formas da gramática e não às formas do estilo e da realidade.

A busca de uma nova aurora para o homem e de sentidos para a vida em sua comunhão com o Uno estão no cerne de *O Louco e o Estado*, e com certeza irão deslumbrar os leitores e servir de orgulho para aqueles que admiram esse cordelista, poeta e romancista chamado Marcos Abreu, escritor e intelectual a quem devemos respeitar.

Dimas Macedo é professor, escritor, jurista e membro da Academia Cearense de Letras.

Sebo Brandão São Paulo

Fazemos encadernações

Rua Conde do Pinhal, 92 -
ao lado do Fórum João Mendes

Tels.: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 -
sebobrandao@gmail.com - Face: Sebo Brandão São Paulo
<https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr>



Orlando da Costa, o escritor perseguido

Adelto Gonçalves

I

Quem quiser saber a fundo o que foi o reino de trevas do regime salazarista (1933-1974) não pode deixar de conhecer a obra do romancista, teatrólogo e poeta Orlando da Costa (1929-2006), que, nascido na antiga Lourenço Marques, hoje Maputo, em Moçambique, numa família goesa de brâmanes católicos, e criado em Margão, na Índia, viveu em Lisboa desde os 18 anos de idade, tendo exercido a profissão de redator publicitário. E que ainda hoje tem o seu nome ligado à história de Portugal, pois é seu filho António Costa, primeiro-ministro do governo português desde 2015 e secretário-geral do Partido Socialista desde 2014.

Militante comunista desde os anos da juventude, sua produção como literato sempre esteve ligada umbilicalmente àquela ideologia, embora seus versos, romances e peças de teatro arte e ideologia “resolvam-se num corpo único, harmônico”, parafraseando-se aqui uma observação da ensaísta brasileira Maria Lúcia Lepecki (1940-2011), professora universitária radicada por muitos anos em Portugal, sobre o seu fazer poético.

Para homenagear o que seria o 90º aniversário desse notável escritor, a *Revista Vértice*, de Lisboa, publicou, em seu número 192, de julho-agosto-setembro de 2019, um *dossier* sobre a vida e a obra de Orlando da Costa, reunindo seis ensaios e sete prefácios e posfácios às obras do escritor, além de uma entrevista (pouco conhecida) dada por escrito ao padre goês Eufemiano de Jesus Miranda em 1988 e que veio a ser publicada em *Oriente e Ocidente na Literatura Goesa: Realidade, Ficção, História e Imaginação* (Goa, 2012).

Como introdução há o texto “Podem chamar-lhe Orlando”, do investigador brasileiro Everton V. Machado, doutor em Literatura Comparada pela Universidade de Paris-Sorbonne/Paris IV (2008) e professor auxiliar da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, profundo conhecedor da literatura indo-portu-

tuguesa, que faz uma apresentação dos demais textos.

II

Em 1961, Orlando da Costa publicou o seu primeiro romance, *O Signo da Ira*, que recebeu o Prêmio Ricardo Malheiros da Academia das Ciências de Lisboa. À época, os exemplares foram apreendidos pela Polícia Internacional e de Defesa do Estado (Pide), organismo estatal de inspiração fascista do regime salazarista, tal como tinha acontecido com três livros de poesia anteriores: *A Estrada e a Voz* (1951), *Os Olhos sem Fronteira* (1953) e *Sete Odes do Canto Comum* (1955), reunidos depois em *Canto Civil* (1979). De *Signo da Ira*, Maria Alzira Seixo, professora catedrática da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, diz, em seu ensaio “A ficção de Orlando da Costa: inscrições narrativas da terra e do humano”, que este é talvez o grande romance da ex-Índia portuguesa na História literária portuguesa. “É um romance de amor à terra e de amores na terra, cantando a juventude e a inocência, deplorando o agro perdido e o vigor da criação estiolada, devido ao sofrimento e à maldade gananciosa”, diz.

Como observa Hélder Garmes, professor livre-docente da Universidade de São Paulo, no ensaio “Colonialismo e conflito cultural em *O Signo da Ira* de Orlando da Costa”, o romance trata dos curumbins, que, em termos de castas, equivaleria aos sudras, isto é, uma casta que se caracteriza por executar trabalhos braçais pesados na lavoura, trabalhos de limpeza, entre outras atividades pouco prestigiadas socialmente”.

III

O mesmo trágico destino viria a ter o romance *Podem Chamar-me Eurídice*, concluído em 1963 e publicado em 1964, apreendido pela Pide dois meses depois de lançado. O livro, que reflete a experiência de vida do autor na década de 1950, seu tempo na universidade, constitui “o retrato de uma situação típica dos anos 60, a repressão contra a chamada subversão universitária, levada até à violência extrema do assassinato pelos agentes da Pide”, como ob-

servou o crítico e historiador Alexandre Pinheiro Torres (1923-1999) no ensaio “Os imprescindíveis nexos “mito-realidade” e “morte-transfigura& ccedil; & atilde; o” num notável romance do *underground* antifascista português”, publicado à guisa de prefácio na terceira edição do livro (1985) e reproduzido no *dossier* de *Vértice*.

O terceiro romance de Orlando da Costa, *Os Netos de Norton* (1994), igualmente reconstituiu as lutas políticas em Lisboa, desta vez abordando a geração que lutou contra os estertores salazaristas da campanha de Humberto Delgado (1906-1965), o “general sem medo”, que foi derrotado nas urnas em 1958 num processo eleitoral considerado fraudulento, passando pela “primavera marcelista”, liderada por Marcello Caetano (1906-1980), último presidente do regime salazarista, até o 25 de Abril, movimento que derrubou o Estado Novo, vigente desde 1933. Este livro lhe valeu o Prêmio Eça de Queiroz, da Câmara Municipal de Lisboa.

Para Maria Alzira Seixo, estes romances já seriam suficientes para consagrar Orlando da Costa, mas o autor publicou ainda *O Último Olhar de Manú Miranda* (2000), que “exibe elevado grau de complexidade narrativa-descritiva (em simultâneo) que não tem sido assim tão frequente na ficção portuguesa”. É um livro que narra a vida de Manú Miranda, que seria um *alter ego* do autor, mostrando como viviam e se relacionavam goeses e visitantes, a partir de uma saga

familiar que passa pela colonização britânica, pela luta do líder indiano Mahatma Gandhi (1869-1948) e a Segunda Guerra Mundial, seus costumes, crenças e idiossincrasias e preconceitos, como observa Maria Alzira Seixo, para quem a obra pode ser considerada uma espécie de *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto (1509-1583), o livro de viagens português mais conhecido no mundo.

IV

Filho do goês Luís Afonso Maria da Costa e de Amélia Maria Fréchaut Fernandes, nascida em Moçambique de mãe francesa, Orlando casou-se primeira vez com a jornalista Maria Antónia de Assis dos Santos, com quem teve uma filha, Isabel dos Santos da Costa (1957-1960), que morreu num acidente de viação, e um filho, o político António Costa. Divorciaram-se em 1962. Orlando casou-se segunda vez com Inácia Martins Ramalho de Paiva, da qual teve um filho, o jornalista Ricardo Costa.

Licenciado em Ciências Histórico-Filosóficas pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, não conseguiu estabelecer-se como professor porque a Pide emitiu parecer negativo. Como publicitário, integrou durante vários anos a agência Marca, onde chegou a diretor-geral. Trabalhou, entre outras marcas, com a Ford, Volkswagen, Nestlé e Páginas Amarelas.

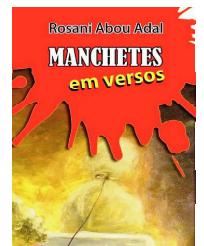
Durante a ditadura, chegou a apoiar a candidatura do general Norton de Matos (1867-1955) em 1949, mas desistiu antes das elei-

Manchetes em versos

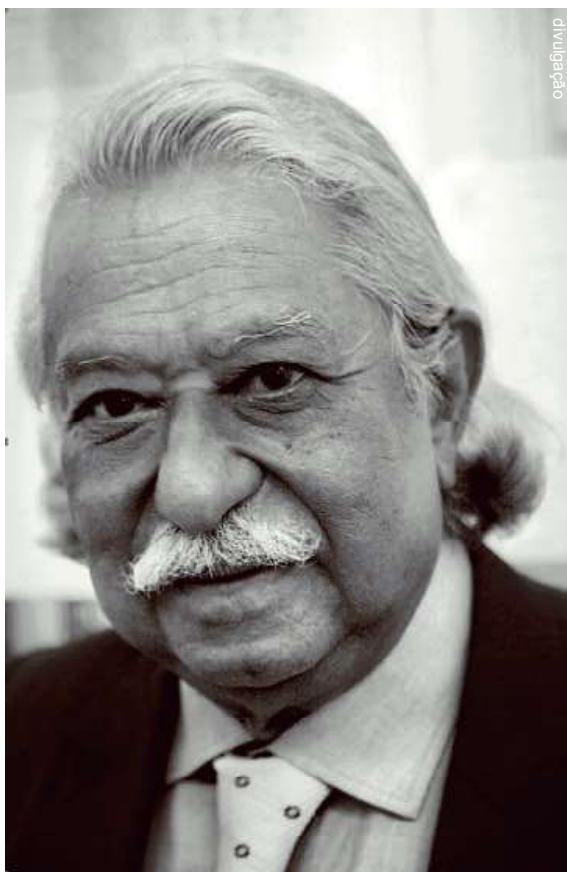
Rosani Abou Adal

Capa e o projeto gráfico de Xavier

Prefácio de
Raquel Naveira



Sebo Brandão: <https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr/rosani-abou-adal-manchetes-em-versos-1920679020>



Orlando da Costa

ções em razão da falta de liberdade e de possíveis fraudes eleitorais. Por sua militância, foi preso três vezes pela Pide, tendo permanecido, na última vez, na cadeia de Caxias durante cinco meses. Militou no Movimento de Unidade Democrática (MUD) Juvenil e no Partido Comunista Português, organismo que serviu de 1954 até a data de sua morte.

Poucos dias antes de falecer, a 5 de janeiro de 2006, recebeu das mãos do presidente Jorge Sampaio o grau de Comendador da Ordem da Liberdade. É autor ainda das peças de teatro *A como estão os cravos hoje?* (1984) e *Sem Flores nem Coroas* (1971). Esta última peça igualmente remete para as memórias da presença colonial portuguesa no Estado da Índia, como observa Filomena Gomes Rodrigues, doutora em Estudos Portugueses pela Universidade Aberta em ensaio também publicado neste número especial de *Vértice*. O *dossier* inclui ainda textos de Mário de Carvalho, Daniela Spina, José

Manuel Mendes, Luiz Francisco Rebello, Gonçedi I; alo M. Tavares, Rosa Maria Peres e Ana Margarida de Carvalho, além de um posfácio do próprio Orlando de Carvalho para o seu livro *Podem Chamar-me Euridice* (1974).

Revista Vértice, Lisboa, série II, nº 192, julho-setembro de 2019, 144 páginas, 8,50 euros. assinaturas@paginaapagina.pt Site: www.paginaapagina.pt

Adelto Gonçalves é doutor em Letras na área de Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo e autor de *Gonzaga, um Poeta do Iluminismo, Barcelona Brasileira, Bocage – o Perfil Perdido, Tomás Antônio Gonzaga, Direito e Justiça em Terras d’El-Rei na São Paulo Colonial, Os Vira-latas da Madrugada e O Reino, a Colônia e o Poder: o governo Lorena na capitania de São Paulo 1788-1797*, entre outros. marilizadelto@uol.com.br

HAICAIS GUILHERMINOS

Maria Thereza Cavalheiro

Como dona dela,
a lagartixa se fixa
na minha janela.

Às vezes se esconde,
uma cobra se desdobra,
se enrosca na fronde.

Formiga: incessante
trabalha, não se atrapalha
em nenhum instante.

Um verde pelo ar.
Maritaca se destaca
na tarde solar.

Descanso um momento.
Bica-me o pato o sapato.
Quanto atrevimento!

Maria Thereza Cavalheiro (25 de janeiro de 1929 - 2 de setembro de 2018), escritora, contista, jornalista, advogada, poeta, tradutora e ecologista. Foi co-fundadora e a primeira presidente da UBT - União Brasileira de Trovadores, seção São Paulo, em 11.09.1969, que dirigiu até 1976.

EXORTAÇÃO

Amaryllis Schloenbach

Oh! Musa insensível,
que tão-só me admira
do altivo Parnaso!

Meu corpo é uma pira
de fogo invisível,
ardendo ao acaso...

Rabisco estes traços,
sombrios, sem luz,
que o amor não anima.

Joga-te em meus braços,
abertos em cruz,
à espera da rima!

Amaryllis Schloenbach é escritora, jornalista, advogada, tradutora, poeta e cronista. Graduada em Letras. Autora de *Pelos Meandros do Tempo, Girândola*, entre outras obras.

Aquarius

Roseli Batista de Camargo

Tudo é.

Aparência e Essência
Coexistindo
no mundo em paz!!

A água se espraia
dissolvendo o que é turvo.
Alma em expansão.

O sopro divino
Dá vida e purifica o ar.
Tudo existe.

E flui ao infinito.
Tudo comunga.

A fraternidade impera
Negativo e positivo traçam
aponte
de seu encontro ideal.

Na Terra

Há solidariedade.

Do humano profundo
emana a melodia

da felicidade universal
Tudo é.

Luz raio e conjunção.

Em movimento Saturno-Urano

Ao Absoluto trazem

Consciência

Liberdade

e Transmutação.

Roseli Batista de Camargo é escritora, professora, coordenadora do Curso de Letras - FESL Jaboticabal/ SP - e diretora do Núcleo Docente Estruturante. Mestra em Letras na área de Estudos Literários e doutora em Estudos Literários, pela UNESP- Araraquara.

FRUTO

Ernani Fraga

...depois de escalar
atalhos e perdas
nas paredes em jarro
da casa de água
ela não podia mais
acordar na flor...

Ernani Fraga é escritor, poeta, advogado, ator e teatrólogo. Autor de *Ponte Necessária e Vermelho* (poesia) e *O Caos das Coisas* (peça teatral).



CORONA VÍRUS - 19 (retrato à la minute)

Adalberto Alves

que ameaça está coroando este viver
que pôs o medo em nosso peito?

um halo de morte e de silêncio
espalha na cidade o seu dissídio.

que indecisa solidão emerge
como negro orvalho que oculta
a glória da manhã que teima ainda?

o dia parece um beduíno amarrado
no meio de um deserto em chamas.

que esperança é 'inda possível
se pigmeus derrotam gigantes
na batalha sombria que trepa p'lo ar?

uma orgia funesta vem dos interstícios
e tudo desmorona com seu bafo.

o pensamento torna-se um sussurro
e, dos passeios, evaporam-se passadas.

a verdade é um garatujo à deriva,
errando como sangue vagabundo.

onde pararão os humanos, então,
se desconfiam da sua própria sombra?

ei-los suspensos de um sopro
porque se torna difícil respirar
à beira das falésias indizíveis.

e, no entanto, ó meus amigos caros,
é só a Natureza-Mãe que se apressa
a limpar a nossa casa imunda.

Adalberto Alves, escritor, jurista, crítico, tradutor e ensaísta português (Lisboa, 1939), autor, dentre outros de *O gume e o tempo*, *Meu coração é árabe*, *História breve da advocacia em Portugal*, *Portugal e o Islão Inicial* e *Dicionário de Árbitros da Língua Portuguesa*, está comemorando 40 anos de vida literária.

TV ArtMult Cultural

9 anos com você

Filmagens, edições de vídeo, clips e produção de dvds poéticos e musicais.



nicanorjacintos@yahoo.com.br - (11) 99949-9652
<http://tvartmultcultural.com.br/>

RÁDIO QUARENTENA MUSICAL

MÚSICA: ACELERAR É SUICÍDIO

DE: FERNANDO REIS E LUIS TURIBA

Acordo em meio aos meus sonhos
O velho mundo, mudou
Desperto pro pesadelo
O que é normal acabou

Mesmo de olhos abertos
Um filme teima em passar
Na tela da minha mente
Pura ficção

É invisível invasão
Distância, separação
Virando a vida do avesso
Mexendo na pulsação

Sinais verdes se apagaram
E no vagar das horas desacelero
Desligo o automático, com baixa gravidade
O ritmo é lunático

Na queima lenta do pavio
Faço, desfaço, refaço
outra vez

Mundo assustado com o que não fez
O jeito agora é tentar outra vez

Tecnologias de ponta não substituem
O afeto de um abraço o carinho de um beijo
O calor pulsante do desejo

A terra segue anestesiada
Doses homeopáticas, morfina na veia
Na queima lenta do pavio
Acelerar é suicídio

Na queima lenta do pavio
Morfina na veia, doses homeopáticas
Acelerar é suicídio
Acelerar é suicídio

Luis Turiba é escritor, poeta, jornalista, compositor, sambista e agente cultural. Autor de *Descacontecimentos*, *Bala*, entre outros.

Fernando Reis é músico e professor de educação física.

Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão -

Aulas Particulares

Cel.: (11) 97382-6294 - soninhaabou@gmail.com



Poemas Portugueses

Reinaldo Bressani

Minha querida amiga e con-
freira, Mestre Raquel Na-
veira, é sempre um momento pra-
zeroso e de lúdico embevecimento a
leitura de seus poemas e crôni-
cas. Assim, não foi diferente com o
seu "Poemas Portugueses". Dele, à
medida que fui saboreando as pais-
agens, pelo tempo e momentos de
sua colheita de lembranças de seu
passado e de suas origens, fui, tam-
bém, colhendo palavras que melhor
explicassem este meu reconheci-
mento.

E nele (Poemas Portugueses)
está claro que sua voz nasce no
claustro do próprio silêncio – tem-
plo das melhores criações – para al-
cançar, no topo das torres, o bada-
lar dos sinos e daí, retumbar nos
montes e nos ouvidos das Parcas,
de Diana e de Apolo e, principalmen-
te, de Euterpe, a musa patrocina-
dora da música e da poesia. Isso,
simplesmente, porque sua voz leva
emoção à sensibilidade dos deuses.
E, porque não, àquela sua casta e
sublimada Margarida... fada ou
anjo! Pois que, ainda quando, mor-
rendo de amor e alavancando qui-
meras pela poesia de Florbela, sua
própria poesia mostra-se espetácu-
lo certo, carregado de notas sutis,
plenas de eternidade à aguda
sensibilidade do eterno Bocage. No
trato da Língua Portuguesa, você,
certamente, já se tornou águia, a
revoar, soberana, os domínios de
Camões que não mais lhe esconde
os segredos das palavras. Palavras
embebecidas pelo sabor dos sele-
tos vinhos portugueses.

Com certeza, os deuses do
Monte Olimpo, mesmo durante as
brumas da sua existência, as tem-
pestades e o mar revoltado a soprar
noites de agonias, invocarão as
Parcas para tecerem com robustos
fios de prata, de ouro e de eterni-
dade, sua vida e sua poesia. Tudo
porque, você traz na alma ingênita,
a própria chama da beleza e do espí-
rito do poeta. Porque, você, como
poucos, nutre, com maestria, suas
palavras, sua voz e seus versos,
com o perfume do encantamento. E
o faz, bem ao feito dos grandes va-
tes que nos precederam e inspira-
ram, legando-nos esta grata e sa-
borosa arte do poetar... do lirismo!

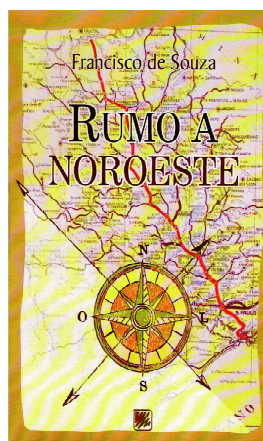
Dentro deste contexto, você é
sim uma Tágide... Ninfa do Tejo. Nin-
fa de lá e de cá. De Portugal e do
Brasil. De Campo Grande e de São
Paulo. Dos cerrados que alimentam
sua alma que nos alimenta com seus
versos.

Enfim, você é as asas daque-
les pássaros gigantes que sobrevo-
avam e ainda sobrevoam as sagra-
das figueiras da Foz, os estuários
do Cabo, da Boa Esperança, do
Cabo Verde e do Cabo Não, sobre
os quais você segue lançando, com
sua verve poética apurada, o chei-
ro da murta e do eucalipto, assim
como o fez, Camões.

Deixo aqui, com a suprema
pompa do Mosteiro dos Jerônimos,
um brinde ao seu talento, com o
bom vinho português servido em
douradas taças, ainda que, tontos
fiemos... de uva e de encantos.

Reinaldo Bressani é poeta,
jornalista e membro da
Academia Cristã de Letras.

Livros



Rumo a Noroeste, de Francisco de Souza, Scortecci Editora, São Paulo, 309 páginas. ISBN:978-85-966-5817-9.

Imagem da capa: Mapa da Ferrovia Noroeste do acervo do estado de São Paulo.

A arte final da capa é de Daniela Jacinto.

O autor é escritor, advogado, sociólogo, professor universitário, doutor em Direito Civil e especialista em Direito Internacional pela Universidade de São Paulo. Fundou o Instituto de Ensino Superior de Graça e criou e presidiu a Missão Ecumênica do Brasil.

O livro retrata a emigração, imigração, migração, a navegação marítima, a questão racial e o índio brasileiro.

O autor apresenta o surgimento do estado, as histórias suíça e brasileira, o latifúndio, a produção agrícola, o noroeste paulista, a função social da propriedade, a religiosidade dos envolvidos e o respeito à religião de terceiros.

religiosidade dos envolvidos e o respeito à religião de terceiros.

Scortecci Editora: www.scortecci.com.br

Nostalgia de Comunhão (Diário da Escrita IV), de Nelson Hoffmann, FuRi, Cultuar-
te, Florianópolis (SC), 174 páginas. ISBN: 978-85-7223-511-2.

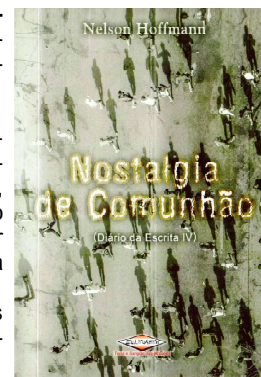
A capa é de Tony Hoffmann.

O autor é escritor, editor, ficcionista, cro-
nista, novelista, romancista, ensaísta. Tem tra-
balhos publicados na França, Espanha, Itália,
Estados Unidos, Portugal, Uruguai, Coreia do
Sul, Japão e Austrália. Foi homenageado, por
lei, com a denominação da Casa de Cultura
Nelson Hoffmann.

A obra reúne cartas e correspondências
eletrônicas recebidas e as enviadas pelo au-
tor durante o mês de outubro de 2000.

Segundo o autor, "Aqui, nesta minha se-
quência do *Diário da Escrita*, a palavra eletrônica carrega seu peso de
solidão de indivíduos carentes do outro."

Nelson Hoffman: Rua Padre Anchieta, 439 - Roque Gonzales - RS
- 97970-000 - nelson.hoffmann@yahoo.com.br



Débora Novaes de Castro

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL -
MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO -
COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...

Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÔFARES - SEMENTES -
CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...

Antologias:

Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL

Opções de compra: 1. www.deboranovaesdecastro.com.br, LIVROS.

2. E-mail: debora_nc@uol.com.br 3. Correio: Rua Ática, 119
- ap. 122 - Jd. Brasil - São Paulo - SP - Cep 04634-040.



Maria Lima Delboni Lima e Tânia Diniz

Tânia Diniz, escritora e idealizadora do mural poético *Mulheres Emergentes em 1989*, faleceu no dia 3 de abril, em Belo Horizonte (MG). Nasceu em 20 de maio de 1949 em Dolores do Indaiá (MG). Poeta, haicista, contista, professora de português, francês, espanhol e italiano e promotora cultural. Participou de várias antologias. É citada no *Dicionário de Escritoras* de Nelly Novaes Coelho (USP) e no *Dicionário de Mulheres* de Hilda Agnes Hübner Flores. Autora de *O Mágico de Nós e Rituais* (contos), *Mulher EmBalada* (poemas), *Bashô em Nós* (co-autoria, Menção Especial Prêmio Ribeiro Couto/UBE-RJ), *Relato de Viagem à Mar-melada e Flor do Quiabo (Haicais)*. O *Mulheres Emergentes*, de publicação trimestral, tem como objetivo enfatizar o feminino nas Artes.

Prêmio Jabuti, promovido pela Câmara Brasileira do Livro, está com inscrições abertas, até o dia 30 de abril, para obras publicadas em língua portuguesa no Brasil, em primeira edição, entre 1 de janeiro e 31 de dezembro de 2019. A impressão da mesma poderá ter sido feita fora do País. Inscrições: <https://www.premiojabuti.com.br/>

João Pedro Bara Filho, jornalista especializado em Tecnologia da Informação, lançou *Memórias Irrisórias - Revelações de uma esquecida "Caixa Preta"*, pela Editora Chiado. A obra tem como ponto de partida as anotações exumadas de uma "Caixa Preta", abandonada no arquivo morto de um maleiro há quase meio século.

O 13º Festival de Poesia, promovido pela Ong Usina dos Sonhos, que seria realizado nos dias 8, 9 e 10 de maio, na cidade de Dois Córregos (SP), foi cancelado em decorrência da Covid-19. Ainda não tem data marcada para acontecer. Serão homenageados poetas Luiza Galvão Lessa (Acre), João Gomes de Sá (Alagoas), João Gomes (Amapá), Dori Carvalho (Amazonas), José Inácio Vieira de Mello (Bahia), Luciana Martins (Distrito Federal), Renata Bomfim (Espírito Santo), Alice Spíndola (Goiás), Daniel Blume (Maranhão), Raquel Naveira (Mato Grosso do Sul), Lucinda Nogueira Persona (Mato Grosso), Aroldo Pereira (Minas Gerais), Ailton Souza (Pará), Ricardo Bezerra (Paraíba), Dinovaldo Gilioti (Paraná), Maciel Melo (Pernambuco), Diego Mendes Sousa (Piauí), Nildiva Freitas (Rio Grande do Norte), Oscar H. Marques Cardoso (Rio Grande do Sul), Elizeu Braga (Rondônia), Eliakin Rufino (Roraima), Marcelo Steil (Santa Catarina), Rosani Abou Adal (São Paulo), Ivanildo Souza (Sergipe), Eliosmar (Tocantins) e Eduardo Tornaghi (Rio de Janeiro).

Waldir De Pinho Veloso lançou *Direito Notarial e Registral: ata notarial* pela Editora Juruá. É o mais completo e atual livro sobre ata notarial do Brasil.

A Câmara Brasileira do Livro está com promoção, até o dia 31 de maio, para a ficha catalográfica (sócios R\$ 30 e não sócios R\$ 60). A carta de exclusividade para os sócios está isenta de taxas.

Notícias

A Memória e o Guardiã, do jornalista Juremir Machado, Editora Civilização Brasileira, abriga precioso acervo de cartas recebidas por João Goulart, no período em que ocupou a presidência da República, que revelam como traidores de Jango se portaram durante seu governo e como o golpe que o depôs da presidência da República foi sendo armado. O referido acervo, que ficou guardado em duas malas por cinco décadas depois do golpe de 1964, revela a conduta de traidores. Entre os remetentes estão a atriz Janet Leigh, estrela de *Psicose*, e políticos como os presidentes John Kennedy e Juscelino Kubitschek.

A Ubook, plataforma de audiotainment por streaming, disponibiliza 218 títulos de audiolivros, de literatura infantil, brasileira e universal para serem acessados gratuitamente. www.ubook.com

A Banca Tatuí, livraria de publicações independentes localizada na Rua Barão de Tatuí, 275, em São Paulo, foi arrombada no dia 8 de abril. A banca é dos editores da Lote 42 João Varela e Cecília Arbolave. www.bancatatu.com.br/

Francisco Carlos Duarte lançou *Canto quase coro sambaqui*, pela Kottler Editorial. A obra abriga texto e imagens que têm como cenário um vilarejo onde é achada a ossada de um sambaqui.

O Centro Literário de Piracicaba e o Grupo Literário de Piracicaba, em decorrência da Covid-19, estão com as reuniões mensais canceladas. Conforme determinação do governo estadual e da prefeitura municipal, estão suspensas todas as atividades da Biblioteca Municipal até segunda ordem.

Heroínas desta História - Mulheres em busca de justiça por familiares mortos pela ditadura, organizada por Carla Borges e Tatiana Merlino, foi lançada pela Editora Instituto Vladimir Herzog. A obra apresenta a trajetória e histórias de luta de 15 mulheres que perderam familiares durante a ditadura militar no Brasil (1964-1985). Clarice Herzog, Elizabeth Teixeira, Eunice Paiva, Clara Charf, a cacica xavante Carolina Rewap-tu e Elzita Santa Cruz - falecida aos 105 anos - são algumas das mulheres retratadas.

O Programa Banco do Brasil de Patrocínio 2021/2022 - Edital Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) - está com inscrições abertas, até cinco de junho, para selecionar projetos para compor a programação dos CCBBs de Belo Horizonte (MG), Brasília (DF), Rio de Janeiro (RJ) e São Paulo (SP). Os interessados (pessoa física ou jurídica) poderão inscrever projetos de Artes Cênicas, Cinema, Exposição, Ideias, Música e Programa Educativo. www.bb.com.br/patrocinios

Noélia Ribeiro, em parceria com Aroldo Pereira, após a pandemia, retornam com turnê poética pelo Brasil.

Aroldo Pereira participa do Sarau Poesia Leberta 2, apresentado por Sóter José, no YouTube, edição Sarau da Pandemia.

Leonardo de Souza Chaves, Procurador de Justiça e professor da PUC-RJ, lançou o romance *Desordem*, pela Chiado Books. O livro tem como cenários a experiência do autor como membro do Ministério Público vinculado à defesa dos direitos humanos.

Roberto Scarano

Advogado



OAB - SP 47239

Trabalhista - Cível - Família

R. Major Basílio, 441 - Cjs. 10 e 11 - Mooca - São Paulo
Tel.: (11) 2601-2200 - scaranor@terra.com.br